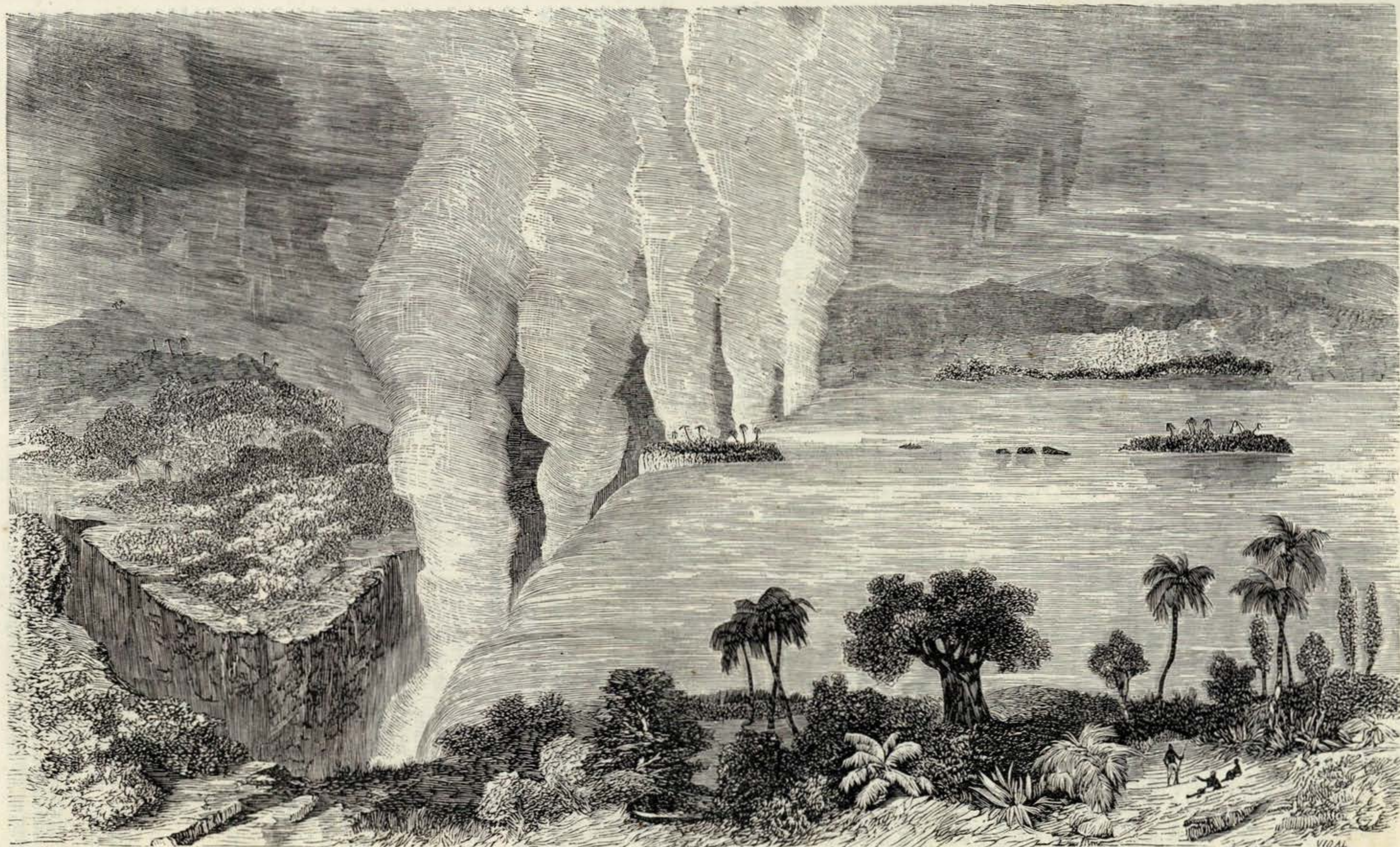


CATARACTAS DO ZAMBEZE.

CATARACTAS DO ZAMBEZE.

Como a maior parte dos grandes rios d'Africa, o Zambeze é imperfeitamente conhecido na sua origem e em grande parte do seu curso. Nós, os portuguezes, que ha seculos possuimos valiosos estabelecimentos nas margens d'este rio, força é confessal-o, não temos muito mais completas e exactas noções a este respeito. Relações troncadas, noticias dispersas em uma ou outra memoria, informações, ou menos sinceras ou incompetentes, de individuos que para similhante estudo não tinham nem o cabedal de sciencia nem os meios indispensaveis, não podem de feito supprir a falta geralmente sentida de uma descripção exacta d'este importantissimo rio, e dos feracissimos terrenos que elle atravessa e banha. Sabe-se comtudo que o Zambeze desemboca no Oceano por cinco braços, e d'esses só os que os geographos e navegadores designam pelos nomes de Cuama e Quilimane são accessiveis a embarcações de maior tonelagem; sabe-se egualmente que o Zambeze é navegavel até um pouco acima do presidio portuguez de Tete, obra de cento e vinte legoas, contando desde a foz do Quilimane; que d'aquella villa até Chicova o rio, apertado entre rochedos a prumo, corre rapido formando perigosos saltos e cachoeiras ou cataractas; e que de Chicova até Zumbo, e ainda para cima algumas legoas, se navega em pequenas canoas. Aonde, porém, tenha origem este grande rio é o que ainda não está resolvido. Uns, e entre estes o nosso padre Jeronimo Lobo, asseveram que o Zambeze vem de um immenso lago que existe no centro da Africa; outros, que nasce na celebre cordilheira de montanhas que corta uma parte do continente africano.

O illustre missionario Livingston bem trabalhou por decidir este ponto duvidoso; parece-nos, porém, que, apesar da sua diligencia e espirito investigador, não o conseguiu de um modo satisfactorio. E com effeito, tanto o entendeu assim o sabio e infatigavel viajante, que acaba de emprehender nova expedição á Africa meridional, com o fim exclusivo de explorar miuda e escrupulosamente este rio, para o que lhe concedeu o governo britannico generosos auxilios, ordenando tambem por esta occasião o governo de Portugal ás suas auctoridades que prestassem ao corajoso missionario toda a protecção e ajuda de que elle podesse carecer.

Com taes recursos é de presumir que em pouco tempo tenhamos de juntar aos eminentes serviços prestados pelo corajoso explorador á sciencia geographica o da resolução do importante problema que deixâmos apontado.

A gravura representa o ponto em que o rio offerece as mais pittorescas e magestosas cataractas que em todo elle se encontram, e que são realmente de um effeito surprehendente. O sr. Livingston deu-lhes o nome da sua soberana, e com esse nome terão provavelmente de passar ás futuras cartas geographicas d'aquella remota região.

D. ANTONIO, PRIOR DO CRATO.

(Continuado de pag. 59).

O pretendente não poupava nenhum meio para estender a sua influencia moral, sondar até onde ella chegava, e difficultar a acção do seu formidavel competidor. Em seu nome Diogo Botelho, como chanceller do estado, e intendente dos seus negocios, aventura-se a fazer um manifesto ou proclamação, pedindo aos que forem seus affeiçoados empreguem todas as diligencias para impedir, que se mandem armas ou munições aos hespanhoes; dando para isso varias providencias, entre as quaes recommenda que os navios se munam de passaporte passado pelo mesmo Botelho. (1)

Inda que muitas d'estas tentativas eram infructuosas, o odio que Filippe II votára a D. Antonio sentia-se esporeado com ellas, e foi sem duvida para cortar d'um golpe este fio, que não prendia mas enleava, que o demonio do meio-dia recorreu a novas traições contra a vida do proscripto.

Em principios de 1585 espalhára-se em Hespanha, que D. Antonio negociava com o rei catholico, e procurava obter compensação pela renuncia das suas pretenções. O embaixador francez em Madrid, mr. Longlée, dá d'esta voz conta ao seu governo nos despachos do 1.º de março e 11 de maio. (2)

Entretanto o boato era contradictorio e sem fundamento. Pelo mesmo tempo (6 de março) Diogo Botelho prepara-se a passar de Flandres a Inglaterra, (3) e (16 d'abril) Ruy Lopes, agente de D. Antonio, chega áquella corte, e procura fallar ao conde de Leicester, sobre os negocios de seu amo. (4) Bem longe d'elles estarem em tão natural caminho de conclusão, emissarios occultos de Filippe II procuravam livral-o, pela violencia e pela morte, da sombra do seu infeliz mas tenaz competidor. O caracter do filho de Carlos V era sobejamente conhecido para que se podesse crer que preferia ajustes pacificos, a meios aleivosos mas mais decisivos. O mesmo embaixador francez não achava mui verosimil o termo conciliatorio que annunciavam á questão. Despachos posteriores (26 e 30 de setembro) bem deixam perceber que nunca formára tão benigno conceito das disposições do rei de Hespanha. (5)

Ao suborno do ouro castelhano, e ao aceno do despota da peninsula começaram a sair da terra os primeiros laços, que mão criminosa devia continuar a armar por toda a parte debaixo dos pés de D. Antonio.

Para escapar ao punhal de quatro assassinos, emissarios de Filippe, teve de fugir de Ruel onde habitava. (6) As mesmas emboscadas o esperavam na praça-forte, que a rainha mãe Catharina de Medicis lhe deu para asylo na Bretanha. O proprio governador do castello, Mortigny, d'acordo com o duque de Mercœur, procura entregar o prior aos agentes de Castella.

Felizmente Du Plessis du Guest, gentil-homem das immediações d'Auray, lhe offereceu refugio. Não esperando d'elle completa segurança, «lançou-se então nos braços dos Rohan» (7) isto é, sollicitado pela duqueza de Loudunois, Francisca de Rohan, acceitou o asylo que m.me de La Ganache lhe offereceu no castello de Beauvoir, no Poitou.

Mas o duque de Mercœur, governador de Nantes, não desanimou na empreza de perseguir o prior, até colhel-o ás mãos. Tudo mostrava o empenho que tinha de o entregar a D. João de Heredia, enviado de Filippe II, que se dizia sobrinho do marquez de Santa-Cruz. N'um escripto do tempo a respeito do mesmo duque, parece querer-se attenuar a feialdade do seu procedimento com estas palavras: — «Se elle

(1) Figanière, *Catalogo* 98 e 135. — O manifesto é datado de 18 d'outubro 1584, e no Museu Britannico, *bibl. Cottonianna*, Nero B, I, f. 262, ha um exemplar impresso do passaporte para navios, com a data, tambem impressa, de *Middleburgo aos 23 de outubro de 1584*. Não mostra isto que D. Antonio, se no primeiro semestre de 1584 estava em França, nos fins do mesmo anno estava em Inglaterra, ou ao menos o seu vedor?

(2) Bibl. nac. de Paris, *fonds d'Harlay*, cod. 228, 7, doc. 27, 80, 87. — *Quadro elementar*, IV, parte 1.ª CXLVII e seg.

(3) *Quad. elem.* XVI, 190. *State papers office* (Portugal) maço 1 A, n.º 88.

(4) Figanière, *Catalogo*, 53. — *Quad. elem.* ibid.

(5) Bibl. nac. de Paris, *fonds de Harlay*, cod. 228, 7, doc. 109.

(6) «Le roy de Portugal estoit lors à Rueil, près de Paris, où vindrent quatre pour l'assassiner... » *Briefve et sommaire histoire*, 11. — Desta vida de D. Antonio, escripta por seu filho D. Christovão de Portugal, ha em portuguez uma traducção, nos mss. da bibl. do convento de Jesus, junta á da Ac. real das sc. de Lisboa, gab. V, est. 3, n.os 101-103.

(7) D'Aubigné, *Hist. univers.* 1584, II, l. V, c. 3.

tomasse de boa fé o rei de Portugal D. Antonio, e o entregasse ao seu bom amigo o mui catholico rei, como lhe promettêra, creio que se contentaria com os direitos que tinha ao ducado da Bretanha, quaes os tinha seu avô João, por sua mulher. » Accrescentava que « havia algumas cartas pelas quaes parecia que o duque de Mercœur podia prender o rei D. Antonio. » [1]

Seria assim? Não haveria alli a barbara sêde de maior premio? Os factos não justificam o homem que reune tropas e quer arrancar o exilado á força d'armas do castello de m.me de Loudunois, a cujo auxilio de cavallos, dinheiro, e boa escolta, D. Antonio deveu a salvação, passando a Sossimo, ilha da Bretanha, que tambem pertencia á casa de Rohan. A fuga do proscripto não salvou o palacio dos roubos e excessos da soldadesca de Nantes. Tambem Beauchesne, tenente da companhia do capitão Escollin, se apoderou violentamente de dois patachos armados e avitualhados, com cem arcabuzes, cincoenta mosquetes, e mais outras cousas pertencentes a D. Antonio; ao passo que Heredia embargava o padre Fructuoso Rodrigues, que vinha da Rochella com cartas para o prior, retendo-o preso em Nantes em casa d'outro hespanhol chamado Pedro d'Almanduche.

A alliciação poderosa achava sequazes ao crime. Alli mesmo em casa d'uma portugueza, viuva d'um chapelleiro hespanhol que se chamava Valledolid, se acoitavam espiões de Filippe.

Logo que o prior do Crato esteve a salvo no Sossimo, deu-se a duqueza de Loudunois pressa em escrever a Henrique III carta mui instante, para o instruir de todos os perigos que D. Antonio corrêra. [2] D'aqui as cartas patentes do mesmo rei para que ninguem attentasse contra o principe, que era seu hospede.

Na de 10 d'agosto (1585), dirigida ao senescal de Nantes, ordena-lhe que devasse e proceda com o maior rigor contra os que haviam intentado apoderar-se da pessoa de seu *primo D. Antonio, rei eleito de Portugal*, e da de seus filhos que residiam no palacio Beauvoir; contra Beauchesne; contra Almanduche; fazendo pôr em liberdade o padre Fructuoso, e restituir a D. Antonio, ou a Diogo Botelho os objectos roubados. [3]

Dois dias depois, em 12, escreveu o mesmo rei ao duque de Mercœur, fazendo-lhe saber que era intenção sua, que D. Antonio, em quanto se conduzisse bem, e de modo que não prejudicasse as cousas e interesses do reino, podesse viver em França com toda a segurança e liberdade. Tomava-o, e aos seus, sob sua protecção, e mandava que o duque prestasse aos officiaes que fossem encarregados das diligencias necessarias para a restituição dos objectos roubados, e conservados em Nantes, toda a ajuda necessaria. [4]

Não se contentando com isto, e escrevendo tambem, no dia 13, ao maire e mais justiças da cidade de Nantes, sobre o assumpto das cartas patentes de commissão e de seguro, de que acabâmos de dar noticia, encommenda-lhes que vigiem a sua execução, para que se consiga apprehender os cumplices no roubo e attentado commettido contra o prior. [5]

Se a vontade de Henrique III era sincera para dar ao prior satisfação de taes ultrajes, não sabemos que o resultado d'aquellas diligencias lhe correspondesse.

Que castigo tiveram os indiciados? Em despacho de 26 de setembro, de Madrid para Paris, communicava o embaixador francez, que já havia regressado a Hespanha certo commendador Marteu, que fôra quem conduzira a ultima tentativa contra D. Antonio, e trouxera certos papeis que havia roubado (por ventura os do padre Fructuoso Rodrigues), pelos quaes ganhára boa recompensa. Acrescentava que o rei de França bem devia saber qual chefe protegia aquella traição, que tão mal soára até entre os proprios inimigos do pretendente portuguez. [1]

Perseguiram-se os criminosos? Restituiram-se os roubos? Não temos documento que nol-o diga. Deu-se ao padre liberdade? É provavel, porque era o mais facil de tudo, e logo que a tentativa traiçoeira se viu mallograda, dispersos, e desesperados os sicarios, de nada aproveitava tel-o recluso. Mas as recommendações feitas ao duque de Mercœur é que de certo não produziram effeito, porque a carta do rei lhe não chegou ás mãos; e talvez por isso continuou a ameaçar D. Antonio, tanto que, cercando-o por toda a parte, até em Sossimo, lhe infundiu temor, e o obrigou a fugir d'alli para a Rochella, [2] onde seu filho mais moço se lhe foi reunir depois, disfarçado em lacaio. M.me de Saint-Onge é quem nol-o refere nos seguintes termos: — « D. Antonio tinha dois filhos, o mais velho chamado D. Manuel, e o outro D. Christovão. Quando partiu do castello de Beauvoir, deixou o ultimo com o resto da sua casa, e levou comsigo o primeiro. Conseguiu entrar na Rochella; e o principe D. Christovão lá chegou tambem, dias depois, disfarçado em lacaio. Quanto a seus gentis-homens e resto de seu sequito, não careceram de tanta precaução, porque não eram elles os procurados. » [3]

Devêra ser para as crenças religiosas de D. Antonio materia de escrupulo o refugiar-se em cidade hugonotte; entretanto a necessidade de pôr-se a salvo prevaleceu no seu espirito, que não era absolutamente intolerante com os protestantes, nos quaes, poucos annos antes, estivera em termos de se apoiar, chegando a fundar n'elles a primeira esperança, antes do seu tratado com Catharina de Medicis. « Fôra questão e occupára um momento as attenções, o dever-se ou não levar o partido hugonotte a abraçar a defesa da independencia portugueza » diz Sismondi. [4] Depois de encetar e levar longe negociações para isso com o conde de Vimioso, o rei de Navarra foi quem recuou, [5] não se sentindo então com força de prestar a D. Antonio o auxilio, que mais tarde por deliberação propria lhe offereceu.

O que é certo, é que em toda aquella população protestante em balde procuraria o rei catholico traidor que se lhe vendesse e attentasse contra a vida do refugiado. Elle mesmo em carta escripta ao rei, como refere o historiador de Thou, o reconhece; e confessa que, tanto elle como os seus, todos recebiam alli as maiores attenções. Até lhe deixavam ampla liberdade de consciencia, [6] e isto lhe teria sido de grande consolação, se não vivesse em embaraços proximos da miseria.

A carta que escreve da Rochella em 15 de julho (1585) á rainha mãe, cujo autographo se conserva no gabinete d'um amador de Paris, [7] era menos para implorar, como nos tempos passados, soccorros

(1) *Quad. elem.* III, 506.
(2) *Satire Menippée*, I, 85.
(3) *Briefve et sommaire histoire*, 45.
(4) *Briefve* etc., 39. — *Quad. elem.* III, 506-507.
(5) Ibid. *Briefve* etc., 45 — *Quad. elem.*, 507-508.

(1) Ibid. *Briefve* etc., 53 — *Quad. elem.*, 508-509.
(2) Bibl. nac. de Paris, *fonds d'Harlay*, cod. n.º 228, 8, doc. 3. — *Quad. elem.* IV, parte 1.ª, CXLVIII.
(3) *Briefve* etc., 13.
(4) *Hist. sec. de D. Ant.*, 124-125. — Uma relação das pessoas que residiam com D. Antonio no 1.º de fevereiro do mesmo anno, conservada em portuguez na *State papers office*, maço 21 dos de Hespanha, contém 47 nomes. — *Quad. elem.* XVI, 190.
(5) Tomo XX, 36.
(6) D'Aubigné, l. V, c. 2.
(7) « Antonium infeliciter regno Lusitaniae inauguratum nuper, apud nos profugum, cum in Armorica, ad Sulciniam insulam a Philippe fautoribus pene interceptus esset, apud Rupellanos tutissimum ferfugium habuisse, indèque ad regem scripsisse, nusquàm se majorem fidem quàm inter infideles, sic nos trates protestantes appellabat, expertum esse. » — Thuani, *de vita sua*, l. IV, c. 58.

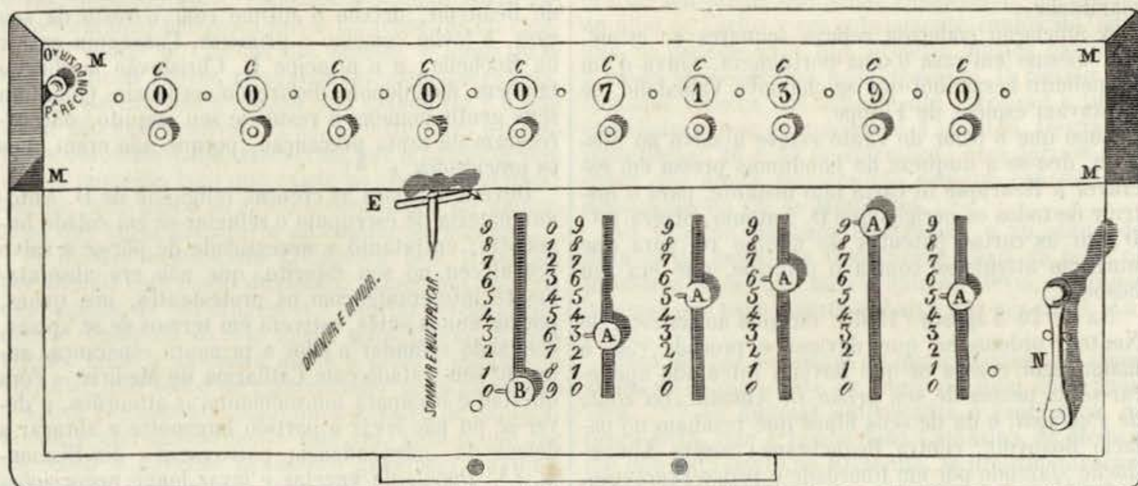
para a conquista de Portugal, que para pedir uma simples quantia de dinheiro que o ajudasse a viver. Aquella grande penuria quasi rastejava pela que experimentára a fé de Job. Para a pintar, dando ao mesmo tempo idéa da magestade um pouco altiva conservada, a despeito de tudo, por D. Antonio, até d'Aubigné inventou um neologismo especial. No seu *Baron de Fœneste*, c. 22, a *Jobelinocracia do desafortunado principe da Rochella*, diz bem o que era a miseria orgulhosa do pretendente portuguez. Depois de d'Aubigné ainda houve quem achasse chistosa a palavra, e a usasse. (1)

Para acudir a essa miseria, para tentar sobre tudo um ultimo esforço a favor dos seus direitos, que mais que as privações o preoccupavam, recorreu o prior a um meio extremo. Restava-lhe o melhor de todos os diamantes, que levára de Portugal, diamante que ainda hoje é entre os conhecidos o oitavo na ordem da grossura. Decidiu-se empenhal-o. Du Harlay Sancy, um dos mais ricos e honrados homens da corte, lhe emprestou sobre elle quarenta mil libras. (2)

Seria caso que entre as preciosidades que D. Antonio levou de Portugal se comprehendessem logo dois diamantes de subido valor? Já em 1582 tinha depositado na mão do conde de Leicester, ministro de Inglaterra, um grande diamante, como caução de dinheiro emprestado por alguns negociantes inglezes, que instando então muito pelo pagamento dos seus creditos, lord Burghley, que foi ouvido sobre o que se devia fazer, aconselhou á rainha, que, em attenção ao grande valor da pedra, conviria que ella embolsasse os ditos negociantes, ficando com o diamante como penhor do emprestimo. (3)

O diamante de grande valor hypothecado a Sancy em 1585, seria ainda outro, e diverso do que já andára empenhado em Londres? Seria o mesmo? Tel-o-hia D. Antonio podido resgatar? Resgatal-o-hia Isabel para lh'o restituir? Nada mais consta d'esses dois emprestimos, e seus penhores, que o que deixâmos dito.

(Continúa).



Arithmómetro ou machina para calcular.

Ha mais de dois seculos que se tem feito diligencias para substituir por algum mecanismo o improbo trabalho intellectual de longas operações sobre algarismos. Pascal e Leibnitz, estes famosos escrutadores do pensamento, fizeram alguns imperfeitos ensaios; mas apesar do genio que possuiam não poderam resolver o problema que desejavam.

Mais feliz que seus predecessores, o sueco M. Thomaz, da cidade de Colmar, inventou o apparelho, que representa a nossa estampa, e com o qual se fazem mecanicamente as quatro operações arithmeticas, sobre numeros inteiros e decimaes, e a extracção da raiz quadrada.

O invento primitivo data de 1820. Em 1822 foi apresentado pelo auctor a uma sociedade animadora da industria, da qual em 1851 obteve uma medalha de ouro. Mais de trinta annos são passados, em que successivamente o inventor foi aperfeiçoando a sua obra, que parece hoje completa.

Quem usar do arithmómetro com pericia, multiplica em dezoito segundos um numero composto de dezoito algarismos por outro de oito; em vinte e quatro segundos divide um de dezeseis algarismos por outro de oito, e extrahe a raiz quadrada de dezeseis algarismos em menos de minuto e meio.

Em um folheto que se dá a quem compra a machina se ensina o modo de executar todas as operações; mas os principios do seu organismo são os seguintes:

1°. O producto das sommas e das multiplicações apparece nos oculos ou aberturas *c*, assim como o resto das diminuições e das divisões.

O quociente das divisões é indicado pelo numero de voltas da manivella N.

2.° O botão B marca por si mesmo o numero de voltas que dá a manivella; e quando se renova a operação reconduz-se ao ponto *o*, em que se vê no desenho.

3.° Cada volta da manivella transporta aos oculos *c* os algarismos que correspondem á posição dos botões A, que se movem nas fendas, para mais ou para menos, segundo a indicação do ponteiro E.

4.° O ponteiro E serve para preparar a machina para a especie de calculo que se quer fazer, somma-multiplicação, ou subtracção-divisão. Move-se com rapidez para indicar qualquer d'estas duas operações: duas dizemos, e a duas se reduzem, porque é bem

(1) Edouard Fournier, *un prétendant portugais au* XVIme *siècle*, 34.
(2) Vid. Tallemant, n'uma das historietas do seu X volume

(3) *Quad. elem.* XVI, 191.

sabido que multiplicar e dividir são puras abreviações de sommar e diminuir.

5.º Dá-se movimento á machina por meio da manivella N, que deve sempre dar a volta inteira, da esquerda para a direita, e parar na posição em que se vê na estampa.

6.º O botão *o* na extremidade do lado esquerdo da chapa MMMM serve para reconduzir a zero todos os algarismos que estejam nos oculos da mesma chapa, o que se faz sempre que se quer começar nova operação.

Estes curiosos e uteis mecanismos vendem-se em Paris no estabelecimento de M. Hoart & Cie, rua de Helder n.º 13.

As machinas são portateis e de quatro diversas dimensões: algumas até se podem trazer na algibeira. As maiores, que jogam com vinte algarismos, tem nove centimetros d'altura, dezesete de largura, e sessenta e nove de comprimento.

Os preços são segundo as dimensões; a saber:

As de 10 algarismos — francos	200
As de 12	300
As de 16	500
As de 20	800

Usam os chins, desde tempos immemoriaes, d'um simples e pequeno apparelho, a que chamam *soan-pan*, com que fazem rapidamente as quatro operações arithmeticas, do qual n'outra occasião daremos o desenho e noticia. A invenção europea é, porém, muito mais aperfeiçoada, e uma das que n'este seculo patenteiam as maravilhas e poder da industria humana.

CRITICA LITTERARIA.

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO,

poeta brasileiro.

I.

Ha tres annos dedicavamos a este mallogrado talento, que expirou no verdor da edade, uma curta noticia litteraria nas «Memorias de litteratura contemporanea.» Tinhamos visto apenas o 1.º volume das suas poesias, publicado em 1853; recebemos d'ahi a algum tempo, por mão de seu pae, um dos homens mais respeitaveis do Brasil, as suas obras posthumas completas, e tivemos então occasião de ler e examinar o 1.º volume, que veiu confirmar o bom conceito que faziamos dos seus eminentes dotes de poeta.

Manoel Antonio Alvares de Azevedo nasceu na cidade de S. Paulo aos 12 de setembro de 1831. Accommettido de uma doença grave, na edade de cinco annos, esteve em grande perigo de vida, e, salvando-se, nunca mais recuperou inteiramente a saude. Dos seis annos até aos nove foram pouco notaveis os seus progressos; mas entrando no anno de 1840, n'um dos primeiros collegios do Rio de Janeiro, demonstrou desde logo as superiores faculdades com que o ornára a natureza.

Tres mezes depois da sua admissão no collegio o director escrevia a seu pae o seguinte: «O vosso pequeno Manoel cada vez mais me captiva; é certamente a criança das mais bellas esperanças do meu collegio, *excepto para a gymnastica, aonde é o ultimo.*» Esta inferioridade nos exercicios gymnasticos era certamente devida aos morbidos effeitos da terrivel molestia, que annos antes o levára ás portas da morte, e que seguramente lhe havia alterado ou enfraquecido alguns dos principios vitaes da organisação.

Em outubro de 1840 escrevia novamente o professor a seu pae: «Vosso filho é sempre o melhor dos meus discipulos pelo espirito, intelligencia, amavel bom-humor, e sobre tudo pelo coração.... Quanto mais examino esta criança, tanto mais me cumpre felicitar-vos de possuirdes um tal filho. Se Deus lhe der vida e saude, haveis de ver que ha de tornar-se alguma cousa de bom, de excellente.» E no mez de novembro: «Devéras não perdeu o tempo este anno, e se assim continuar, tornar-se-ha um brasileiro que poderá medir-se com as primeiras capacidades europeas.»

Em abril de 1841 o professor ainda mais calorosamente se explicava ácerca das esperanças que o seu joven discipulo lhe fazia conceber: «O nosso pequeno heroe faz sempre a minha gloria, e a minha ventura. Reune, o que é bem raro, a maior innocencia de costumes á mais vasta capacidade intellectual que tenho encontrado na America n'uma criança da sua edade.... Nada me dá maior encanto que vêl-o, depois de haver excedido todos os mais velhos nas suas lições, occupar-se nos seus brinquedos a plantar flores sem raiz, para fazer um pequeno jardim, que dura um quarto d'hora, ou a edificar uma pequena casa, que o vento em breve desfaz.» E em maio escrevia estas palavras: «Recebi a visita de M. G*** que espantado dos progressos do vosso pequeno Manoel, quer confiar-me os seus dois filhos. Manéco é o meu verdadeiro recrutador. Mais de quarenta pessoas me tem vindo dar os parabens das maravilhas que com elle consegui. Ouvi um de vossos discipulos, disse-me um, e é devéras admiravel como falla francez, inglez, e declama, ou seja historia, ou geographia.»

Em 1844 voltava Manoel Antonio Alvares de Azevedo para a cidade de S. Paulo, e fazendo n'essa cidade exame de francez, inglez e latim, partia no fim do anno para o Rio de Janeiro, tomando em 1847 o grão de bacharel em letras. Em 1848 começava o curso juridico na cidade de S. Paulo, frequentando-o até ao anno de 1851, em que a sua saude começou a dar serios cuidados.

II.

A constante preoccupação do joven poeta, vendo-se abatido e doente, era a idéa da sua morte prematura. Absorvido na leitura das obras primas da litteratura moderna, lendo avidamente Byron, Goëthe, Alfred de Musset, Victor Hugo, Lamartine, os seus pensamentos tornavam-se cada vez mais sombrios e desconsoladores, e tudo quanto saia da sua penna reflectia a dolorosa agonia em que se revolvia o seu espirito.

Eu deixo a vida como deixa o tedio
Do deserto o poento caminheiro....

escreve elle n'uma das suas poesias que tem por titulo «*Lembrança de morrer.*» N'outra em que deplora a morte de uma donzella, que expirára no Rio de Janeiro, soltava estes melancolicos presentimentos:

Bem cedo ao menos eu serei comtigo;
Na dor do coração a morte leio...

N'uns versos feitos no dia de seus annos na cidade de S. Paulo em 1851, com o titulo de «Saudades» punha esta sinistra epigraphe de lord Byron: «De que vale esforçar-me, se eu hei de morrer moço?»

O joven poeta não abandonava entretanto os estudos de sua profissão. Muitas vezes trabalhava no escriptorio de seu pae, resolvendo os negocios do fôro com uma rara pericia, e uma penetração scientifica propria de mais adiantados annos. O resto do

tempo passava-o na leitura dos seus poetas e escriptores favoritos, procurando confôrto ás magoas que o devoravam em suaves e longas conversações com sua mãe, que elle amava com um d'aquelles affectos profundos e exclusivos, que só almas verdadeiramente poeticas sabem sentir.

Mas nada havia que podesse attenuar o vago desespêro, a funebre tristeza que o consumiam. Um dia, indo sua mãe ter com elle ao quarto, para o convidar a dar um passeio, encontrou-o com a fronte pendida, o gesto pallido, os cabellos em desordem, escrevendo com aquella precipitação febril, que denuncia o fervor da inspiração. Fallou-lhe sua mãe; e elle, erguendo a cabeça e sorrindo-se para ella, repetiu com branda voz esta sentida poesia:

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã:
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta gloria presinto em meu futuro,
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdêra chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que ceo azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batêra tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ancia de gloria, o dolorido afan....
A dor no peito emmudecêra ao menos
Se eu morresse amanhã!

Até nas suas cartas mais intimas, que elle nunca imaginára que seriam impressas, exprime o joven poeta n'uma linguagem fogosa, e um pouco desvairada, os sentimentos de desalento que nunca o abandonavam:

«Hontem, escreve elle n'uma carta datada do Rio de Janeiro, no 1.º de março do anno de 1850, estive n'uma *soirée*. Nada ahi, como sempre, me divertiu. Quando o tedio vem de dentro, não é o sorrir dos bailes que possa adoçal-o. Quando a magoa é funda e erma, quando o coração reseccou, não é o banho de fogo de um olhar que possa revivel-o.

«Ás vezes ainda, e hoje na minha solidão é essa minha ventura, quando a mente se me embebe no ebrioso de uma scisma, quando me pesam n'alma sonhos de homem que não dorme, que se chamam *poesia*, eu ainda sinto reabrir-se meu peito a amores de mulher. Parece que, se aquella belleza de olhar, e cabellos negros, do largo collo em que lhe fluctuam, desatasse com seus dedos macios e finos aquellas sedas do roupão, se eu ahi repousasse essa febre da fronte que me doe, esse queimar de um cerebro que se me afoga, eu poderia ainda ter vida bastante para desvivel-a ahi no voluptuoso de um espasmo, para morrer ahi na loucura de um sonho de beijos....

«Ha uma unica cousa, escreve elle adiante, que me podesse dar hoje o alento que me morre. Que me morre.... disse eu! não creias que minto. Todos aqui me estranham este anno o taciturno da vida e o peso da distracção que me assombra. O meu viver solitario, fechado só no meu quarto, o mais das vezes *lendo sem ler*, escrevendo sem ver o que escrevo, scismando sem saber o que scismo, talvez alguma lagrima furtiva rolou pela face de minha mãe.... Pobre mãe! não é assim, meu Luiz? Pobres (não o crês?) d'aquellas que vêem o filho pender e marchar pallido como a sons da musica sombria que elle só escuta!.................

«Eis-ahi pois tudo, amor, poesia. Só te não fallei na gloria. Nem te fallo. Rir-te-hias de mim e d'ella, como eu tambem me rio. Gloria! em nossa terra! Oh! cisnes perfumados dos vapores do ceo, porque descer ao charco impuro, a nodoar os alvores, a perder os aromas? Ás aves das nuvens o ceo. Aos poetas, sonhos. Glorias da terra? Não te lembras do Dante, de Chatterton, de Byron? Não te lembras de Werner, poeta e grande tambem, morto de scepticismo e desesperança sob a sua grinalda de orgia? Glorias da terra! Os applausos da turba, enfezados louros, o mais das vezes tressuados de sangue, salpicados do lodo do insulto, e da baba da inveja....

III.

O poeta sentia dentro no seio as dores do mal occulto, que inspira os magoados cantos de Rousseau, de Cowper, de Chatterton, do Tasso, de Gilbert, de Werther, de Hoffman; a sua poesia assimilhava-se a esses incensos vegetaes, que, apesar do magico perfume que exhalam, são apenas o lento thesouro que se extrahe das feridas da arvore, e que se distilla, enfraquecendo-a, e empobrecendo-lhe a seiva.

A morte pairava sobre a sua cabeça. No dia 25 de abril de 1852, depois de quarenta e cinco dias de um acerbo padecimento, não tendo ainda vinte e um annos completos, expirava entre as lagrimas de uma familia inconsolavel.

Quando sentiu proximo o instante fatal, com aquella delicadeza de um amor sublime, pediu a sua mãe que se retirasse, ergueu-se um pouco do leito, e inclinando-se sobre o peito de seu irmão, tomando a mão de seu pae, e levando-a aos labios, murmurou, fitando-o ao mesmo tempo com um olhar ancioso e ardente, o olhar sofrego do adeus extremo: «Que fatalidade, meu pae!».... E caíu sem alento, pronunciando palavras inintelligiveis, para nunca mais se levantar!

Todo este longo padecer revela-se nas composições do joven poeta. As suas obras são bellas, mas bellas como essas donzellas concebidas no meio das angustias e do terror, cujas faces nunca se animaram de côr de rosa, e que no languido e desfallecido olhar, e na brancura de marmore, nos dizem que surgiram d'esse mundo mysterioso de desesperança e soffrimento, aonde as illusões e as suaves chimeras só nascem de manhã para morrerem sêccas e mirradas ao descair da tarde.

Aquella poesia rebenta-lhe do coração; não é um homem que diz méramente: eu soffro; é um homem que realmente soffre, que se sente morrer, e que se despede de tudo quanto ama e deseja com dilacerante e pungida saudade.

N'um romance phantastico que escreveu «A Noite na Taverna» insere elle esta poesia, na qual, apesar das visiveis reminiscencias de Byron, bem naturaes n'um mancebo que se entregava á leitura de todos os poetas com paixão, e que hesitava na fórma, como acontece aos que principiam, nos pinta esta dolorosa situação moral.

Não me odeies, mulher, se no passado
Nodoa sombria desbotou-me a vida,
No vicio ardente requeimando os labios,
E de tudo descri com fronte erguida.

A masc'ra de Don Juan queimou-me o rosto
Na fria pallidez do libertino:
Desbotou-me esse olhar, e os labios frios
Ousam de maldizer do meu destino.

Sim! longas noites no fervor do jogo
Esperdicei febril e macilento,
E votei o porvir ao Deus do acaso,
E o amor profanei no esquecimento!

Murchei no escarneo as coroas do poeta
Na ironia da gloria e dos amores
Aos vapores do vinho, á noite insano
Debrucei-me do jogo nos fervores!

A flor da mocidade profanei-a
Entre as aguas lodosas do passado....
No craneo a febre, a pallidez nas faces
Só cria no sepulchro socegado........

Estas explosões de desanimador scepticismo, de acerbo e doloroso tedio para os gozos suaves da existencia, para as serenas intimidades da vida familiar, não accusam senão o seu intimo padecer, e ao mesmo tempo a vaga admiração que o impellia para esses typos excepcionaes que Byron desenhou no « Lara » no « Giaour » no « Corsario » e no « Child Harold. » Era um enthusiasmo poetico e artistico, que deixava intactas as crenças religiosas que havia bebido com o leite, e os sentimentos generosos e ternos que se lhe haviam desenvolvido entre paes e parentes que extremosamente o estremeciam. Soffria, é quanto basta!

IV.

O poeta entretanto, n'alguns dos seus discursos e trabalhos criticos que publicou, ía-se approximando de outros horisontes, e n'uma das suas ultimas poesias, talvez das mais bellas, elevou a voz até ao throno, implorando a clemencia do imperador a favor de um revolucionario brasileiro. A poesia mostra claramente o que seria Manoel Antonio Alvares de Azevedo, se o seu canto não fosse o canto do cysne.

PEDRO IVO.

Perdoae-lhe, senhor! elle era um bravo!
Fazia as faces descorar do escravo,
Quando ao sol da batalha a fronte erguia
Entre sangue e cadaveres corria!
O genio das pelejas parecia...
Perdoae-lhe, senhor!
Onde mais vivo em peito mais valente,
N'um coração mais livre o sangue ardente
Ao fervor d'esta America bulhava?
Era um leão sangrento que rugia:
Da guerra nos clarins se embriagava,
E vossa gente pallida recuava
Quando elle apparecia.
Era filho do povo; o sangue ardente
Ás faces lhe assomava incandescente
Quando scismava do Brasil na sina...
Hontem era o estrangeiro que zombava,
Amanhã era a lamina assassina,
No cadafalso a vil carnificina
Que em sangue jubilava!
Era medonho o rubro pesadelo!
Mas nas frentes venaes do genio o sêllo
Gravaria o anathema da historia!
Dos filhos da nação a rubra espada
No sangue impuro da facção ingloria
Lavaria dos livres na victoria
A mancha profanada!
A fronte envolta em folhas de loureiro
Não a escondemos, não!... Era um guerreiro!
Despiu por uma idéa a sua espada!
Alma cheia de fogo e mocidade,
Que ante a furia dos reis não se acobarda,
Sonhava n'esta geração bastarda
Glorias... e liberdade!
Tinha sêde de vida e de futuro,
Da liberdade ao sol curvou-se puro
E beijou-lhe a bandeira sublimada:
Amou-a como a Deus, e mais que a vida.
Perdão para essa fronte lanceada!
Não lanceis á matilha ensanguentada
A aguia nunca vencida!
Perdoae-lhe, senhor! Quando na historia
Vêdes os reis se coroar de gloria
Não é quando no sangue os thronos lavam,
E envoltos no seu manto prostituto
Olvidam-se das glorias que sonhavam!
Para esses maldição! que o leito cavam
Em lodaçal corrupto!
Nem sangue de Ratcliffs o fogo apaga
Que as frontes populares embriaga,
Nem do heroe a cabeça decepada
Immunda, envolta em pó, no chão da praça,
Contrahida, amarella, ensanguentada
Arrasta a multidão que ardente brada
E thronos despedaça!
O cadaver sem benções, insepulto
Lançado aos corvos do herval inculto,
A fronte varonil do fuzilado
Ao somno imperial co'os labios frios
Podem passar no escarneo desbotado,
Ensanguentar-te a seda ao cortinado,
E rir-te aos calafrios!
Não escuteis essa facção impia
Que vos repete a sua rebeldia...
Como o verme no chão da tumba escura
Convulsa-se da treva no mysterio:
Como o vento do inferno em agua impura
Com a bocca maldita vos murmura:
Morra! salvae o imperio!
Sim, o imperio salvae! mas não com sangue!
Vêde, a patria debruça o peito exangue
Onde essa turba corvejou, cevou-se!
Nas glorias, no passado elles cuspiram!
Vêde, a patria ao Bretão ajoelhou-se,
Beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se!
Elles a prostituiram!
Malditos! do presente na ruina
Como torpe, despida Messallina
Aos apertos infames do estrangeiro
Traficam d'essa mão que os embalou!
Almas descridas do sonhar primeiro
Venderiam o beijo derradeiro
Da virgem que os amou!
Perdoae-lhe, senhor! nunca vencido,
Se em ferros o lançaram foi trahido!
Como o arabe além no seu deserto,
Como o cervo no páramo das relvas,
Ninguem os trilhos lhe seguira ao perto
No murmurio das selvas!
Perdão! por vosso pae! que era valente,
Que se batia ao sol co'a face ardente,
Rei, e bravo tambem, e cavalleiro!
Que da espada na guerra a luz sabia
E ao troar dos canhões entumescia
O peito de guerreiro!
Perdão, por vossa mãe! por vossa gloria!
Pelo vosso porvir e vossa historia!
Não mancheis vossos louros do futuro!
Nem lisonjeiro incenso a nodoa exime!
Lava-se o polluir de um leito impuro,
Lava-se a pallidez do vicio escuro,
Mas não lava-se um crime!

O astro que tão rapido fulgíra na vida ía descendo para o occaso. Essa fecunda intelligencia, que, apesar de uma erudição precoce, e talvez demasiadamente impaciente nas suas investigações, tinha sentido as angustias da paixão, os amargos pezares, as esperanças, e as decepções, isso tudo que vivifica e engrandece a imaginação do poeta, destruiu o corpo, que era debil de mais para poder contel-a.

Tudo lhe apparecia risonho no mundo, a poesia, o futuro, o successo, a amizade, a gloria! e quando abria os olhos, deslumbrado, e embevecido, veiu a mão da morte e cerrou-lh'os para sempre.

A. P. LOPES DE MENDONÇA.

A VENUS DE GNIDO.

A estatua de Venus de Gnido foi a obra primorosa de Praxitéles.

Plinio, enumerando as producções do insigne esculptor, a descreve d'este modo: (1) « As obras de Praxitéles occupam um logar distincto no Cerâmico

(1) Hist. Nat., l. 36, cap. 5.

de Athenas; (1) porém, tanto no Cerâmico, como em qualquer parte do mundo, não ha maravilha similhante á sua Venus, cuja perfeição e esmerada formosura attrahe a Gnido uma multidão incrivel de admiradores. Fez Praxitéles duas estatuas de Venus, e as expoz ambas á venda na mesma occasião e por egual preço; estava uma d'ellas vestida, e a outra inteiramente núa. Os habitantes de Cos, a quem competiu a escolha, atemorisados nos seus castos sentimentos, preferiram a que lhes apresentaram vestida, e os de Gnido compraram a outra, que desde logo mereceu a mais incontestavel celebridade. Nicomedes, rei de Bithynia, chegou a responsabilisar-se pelo prompto e integral pagamento das exorbitantes dividas dos gnidios, se elles consentissem fazer-lhe doação d'aquella estatua; os gnidios rejeitaram similhante proposta, preferindo os mais instantes apuros e vexames; e tiveram razão: Gnido devia áquelle monumento a sua fama. A estatua, collocada n'um templo circumpatente, offerece-se para todos os lados á contemplação e ao pasmo geral. Ha quem presuma, que a propria deusa como que approva esta posição, tão admiravel parece o seu talhe sob qualquer aspecto que o observem. Affirma-se tambem, que certo mancebo, concebendo por esta estatua uma paixão violenta, se occultou uma noite no templo, e, a julgar-se pelos vestigios indeleveis no marmore, se fizera sacrilego. »

Luciano, n'um dos seus dialogos, intitulado — *Os Amores*, § 13, por bocca d'um interlocutor, assim expressa a sua admiração: — « Depois de ter considerado detidamente, e no mais delicioso enlêvo d'alma, as plantas e arbustos que orlam aquellas odoriferas lamedas, penetrei no templo; no centro se ergue a deusa, trabalho maravilhoso, talhado em marmore de Paros; meigo sorriso lhe abre os labios; roupa alguma lhe venda as graças, e as esconde ariscas; só uma das mãos, obediente a um natural movimento, occulta o que o pejo não permitte ver, e ainda menos nomear: a arte venceu a inflexibilidade da materia; em toda a configuração d'aquelle garboso corpo se suspeita no marmore a brandura e a sensibilidade da carne. Ó Marte, ó tu o mais feliz dos deuses... » — Pêza-nos que a decencia nos prohiba mais longa traducção d'esta passagem, em que Luciano, na harmonia e arrôjo do verso, prima com o mimoso cinzel de Praxitéles em voluptuosidade e elevação.

Mr. Falconet publicou em 1775 a traducção de tres livros de Plinio, só no damnado intuito de o apear das honras de conspicuo apreciador das artes; e a exemplo de muitos criticos, que mais cuidam em calumniar, do que em comprehender, nota em Plinio uma contradicção flagrante n'este assumpto, e a prova assim: — « A Venus de Praxitéles, diz mr. Falconet no livro 36.°, cap. 5.°, era na opinião d'este historiador a mais pasmosa que existiu no mundo, *in toto orbe terrarum;* poucas linhas depois affirma, que a estatua feita por Scopas excedia muito a de Praxitéles, *Praxiteliam illam antecedens.* » — Mas Plinio não asseverou que a Venus de Scopas se avantajava á de Praxitéles, mas sim que a Venus de Praxitéles era posterior á de Scopas, por ter florescido Scopas na 87.ª olympiada, e Praxitéles na 104.ª — Mr. Falconet presumia que o verbo *antecedere* significava sempre *sobrepujar*, quando a sua significação primitiva e genuina é a de *preceder, anticipar;* mas ainda quando este critico francez nos merecesse inteiro credito, recorreriamos, para favorecer a deusa, aos louvores unanimes d'uma nação, em que todas as artes e primores do engenho tiveram o berço e um throno, e aos elevados panegyricos dos poetas, historiadores e oradores da Grecia e de Roma, que tanto á porfia exaltaram aquelle primor d'arte.

Affirma Atheneu, que foi copiando Phrynéa, afamada meretriz d'aquelles tempos, que Apelles formou a sua Venus Andyomina, e Praxitéles a Venus de Gnido. Phrynéa era incontestavelmente a mulher mais linda e mais esbelta de toda a Grecia; em nenhum dos seus attractivos e irreprehensiveis fórmas a inveja ousou antepor-lhe uma rival. Aconselhada pelo augmento dos seus lucros, e convencida da superioridade dos seus encantos, pela admiração e desejos que geralmente ateavam, para que mais cobiçados fossem, ella, no empenho de os recatar, até mesmo se esquivava de comparecer aos banhos publicos: sómente nos dias festivos, consagrados a Neptuno, se dirigia á praia mais concorrida, e alli, solto o bellissimo cabello, e largando o fato, entrava na agua perante toda a Grecia maravilhada, e reunida para a applaudir.

A estatua da deusa, como o auctor da Dissertação, relativa a este assumpto, nol-o prova com o testimunho do medalhão de Caracalla esculpido propriamente em Gnido, representa uma mulher núa, arqueando algum tanto o joelho esquerdo, com o rosto olhando para este lado, e encobrindo com a mão direita aquella parte que o pejo proteje, em quanto que com a esquerda ergue uma delicada roupagem, suspensa sobre uma pequena urna.

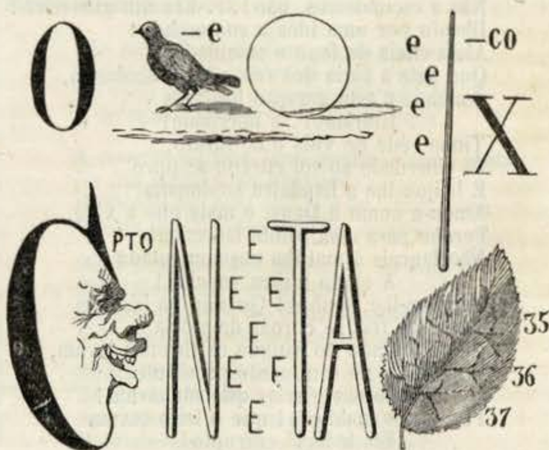
Por esta descripção se deprehende, que tanto Apelles como Praxitéles aproveitaram o momento mais propicio aos seus intentos; Praxitéles escolheu a attitude graciosa, em que Phrynéa, saindo do mar, pegava nas primeiras roupas, tendo aos pés o vaso, em que rescendiam os perfumes, usados depois do banho.

Por mais admiravel que fosse a estatura e configuração de Phrynéa, não é crivel que, adoptando-a para modelo, os dois artistas se sujeitassem a uma representação exacta e servil; ninguem melhor do que elles conhecia a impossibilidade de se encontrar n'um só individuo a reunião de todas as perfeições. Clemente d'Alexandria, e depois d'elle Arnobio, esclareceram a narração d'Atheneu, affirmando que Praxitéles, na cópia de Phrynéa, para mais realçar a formosura da sua estatua, lhe animára os labios com o provocador sorriso da lindissima Cratina, por quem andava louco de amores.

Tão precioso legado d'um dos mais famosos estatuarios da Grecia já não existe, ou pelo menos ignora-se-lhe o destino.

S. LIMA.

ENIGMA.



(1) O Cerâmico era um campo onde os athenienses celebravam publicamente as suas exequias militares

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B